

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018



POEMAS E TELAS DO CERRADO

Nilza Nantes da Silva- SEMED

Ilza Alves Pacheco – SEMED

Suely Cristina Soares da Gama Pereira- SEMED

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido em uma Escola Municipal do Campo, localizada no município de Campo Grande/MS, com os alunos do 7º ano, tendo como intenção socializar algumas práticas pedagógicas realizadas por meio da literatura infantil, e atividades que incentivassem a leitura e promovessem seu entendimento, considerando os conhecimentos prévios que cada aluno traz para ampliar sua visão de mundo. Usou-se como subsídio para a realização do presente trabalho dois poetas, sendo um Manoel de Barros, por se tratar de um poeta regional. Optamos pelo seu livro “Menino do Mato”, e a outra, a poetisa professora Nilza N. da Silva com o seu poema “Pantaneira”. Posteriormente as leituras da obra e do poema dos poetas, realizou-as atividades diversificadas, os alunos produziram o seu próprio poema e pintura, tendo como suporte os poetas já mencionado acima onde foi conciliando o desenvolvimento do processo cognitivo com estímulos e oportunidades. Possibilitando que o aluno descubra e explore os materiais, proporcionando uma aprendizagem espontânea. Observou-se que as crianças participaram das atividades atribuídas com entusiasmo em todos os momentos, permitindo assim, o desenvolvimento de suas habilidades e exercício de sua criatividade. Durante a exposição dos trabalhos contamos com a presença da comunidade.

Palavras-chave: Poema. Cerrado. Leitura. Aprendizagem.

Introdução

No presente trabalho utilizou-se o livro de Manoel de Barros, “Menino do mato”, como subsídio para que os alunos pudessem ter uma base do trabalho que seria desenvolvido. Iniciou-se apresentando a biografia e posteriormente o livro. E também realizou-se a leitura do poema “Pantaneira” da professora Nilza como contribuição para trabalhar a leitura e

escrita dos alunos .Também foi considerado o trabalho com a expressão corporal, assim como as marionetes do poeta, criando, desse modo a temática “invento para me conhecer” a partir da qual o educando inicia sua interpretação textual apresentado sua visão do que foi estudado.

Ao término de cada atividade proposta, abordava-se um novo poema com temática diferente, fomentando produção de textos dos alunos, assim, a partir de cada atividade ia-se evoluindo na direção da construção de uma identidade campesina e da conscientização do papel e do lugar de pertença dos alunos, ao tempo que aprendiam a trabalhar as rimas e os elementos textuais componentes dos poemas.

Tanto na obra de Manoel de Barros quanto no poema da professora Nilza foram utilizados como base para os alunos e serviram de aproximação da educadora com os alunos, estimulando -os a contar sua história e falar de seus desejos e aspirações, tornando as aulas um encontro de almas onde mestre e alunos se tornavam uma só identidade, iguais em suas diferenças a partir da interpretação e reescrita dos versos produzidos.

Segundo a constituição federal todos têm direito à dignidade e a serem tratados de forma igualitária de modo que seus direitos sejam respeitados a constituição de /88 no seu art. 3º nos diz “todos são iguais e devem ser respeitados os seus direitos” para que haja dignidade da pessoa humana. No entanto quando as pessoas encontram dificuldade na compreensão da leitura e uso da escrita, esse direito não é plenamente.

Para o artigo 7º da CF/ 88 esses “são direitos dos trabalhadores rurais e urbanos, além de outros que visem à melhoria de sua condição” nas cidades o respeito a esses conceitos é um pouco mais presente embora não seja pleno, porém, entre os alunos do campo eles são violados a todo o momento pela imposição de uma metodologia de ensino urbanística e distanciada de sua realidade diária.

Nesse contexto, a educação é ainda muito discutida por querer manter as raízes ruralistas, que envolvem direitos humanos, estudos culturais e movimentos políticos, os quais também se inserem como parte integrante do ambiente do campo.

Caldart (2001, p.66), afirma que “A formação das educadoras e educadores é o centro dessa proposta, pois não há escolas no campo sem a formação dos sujeitos sociais do próprio campo, que assumam e lutem por esta identidade e por um projeto de futuro”. Ou seja, não é possível construir uma verdadeira escola do campo se não houver pessoas formadas como educadores que tenham origem no próprio campo e por isso mesmo entendem tanto o meio, como o indivíduo, fruto dele, sendo capazes de lutar pela manutenção da identidade campesina e de um futuro para os alunos no próprio campo.

Em uma análise particular da temática, com base no próprio Caldart, percebeu-se que no aluno do campo há uma angústia originada do conflito entre o desejo de mudar crescendo a partir do conhecimento sem a perda de sua identidade cultural, por isso, lutam em busca da superação das barreiras que se lhe impõem e do direito de transcender suas limitações. Se antes, esse era um projeto distante de sua realidade, agora, o percebem mais próximo e tangível com o processo de evolução da educação do campo e suas metodologias.

Mesmo em meio a uma educação do campo que por diversas vezes ainda nos remetem a ideia de “matuto”, ou até mesmo aspectos indígenas, bugres, ou ribeirinhos, visão arcaica que denigre a imagem do homem do campo, dado que esses alunos trazem consigo entremeados em seu ser hábitos e costumes característicos do meio rural, mas em uma realidade globalizada como a de hoje, os tornam conscientes de seu lugar e aspirações. Esse novo modo de se perceber permitiu a incorporação de uma pedagogia de valorização desses elementos e com isso superar dificuldades de aprendizado.

Citando Freire:

O conhecimento mais sistematizado é indispensável à luta popular e ele vai facilitar os programas de atuar que tu dizias: mas esse conhecimento deve percorrer os caminhos da prática. Esse percurso, ele é imediato, o conhecimento “se dá” à prática através dos corpos humanos que estão resistindo e lutando, estão (portanto) aprendendo e tendo esperança. (FREIRE, 1998, p.32).

O autor ao colocar que a forma como se dá o processo ensino-aprendizagem extrapola a capacidade individual do professor de transmitir conteúdos, englobando também a forma como o aluno processará a informação como reação ao novo e desconhecido. Diz que está pode se dar de maneira opressora, podendo advir consequências irrecuperáveis ao receptor. A poesia, no entanto, principalmente quando se trabalhada suas nuances para seu entendimento pode ser um meio de desopressão na medida em que permite ao aluno descortinar seu universo de maneira lúdica ao mesmo tempo em que em confronto com sua realidade cotidiana.

“Na medida em que, para dominar, se esforçam por deter a ânsia de busca, a inquietação, o poder de criar, que caracterizam a vida, os opressores matam a vida. Daí que vão se apropriando, cada vez mais, da ciência também, como instrumento para suas finalidades. Da tecnologia, que usam como força indiscutível de manutenção da “ordem” ((FREIRE,1998, p. 20).).

Para Freire, a luta pelo conhecimento não depende apenas pela teoria, mas pelas lutas do ser humano em busca de seus objetos, conhecimento é uma etapa que você adquire com o tempo.

Na medida em que, para dominar, se esforçam por deter a ânsia de busca, a inquietação, o poder de criar, que caracterizam a vida, os opressores matam a vida. Daí que vão se apropriando, cada vez mais, da ciência também, como instrumento para suas finalidades. Da tecnologia, que usam como força indiscutível de manutenção da “ordem.” (FREIRE, 1993, p.25).

“A forma que aplica o método de ensinar e aprender não depende somente do professor, mas de como esse aluno recebe esta informação e como será sua reação diante do novo do desconhecido, penso que a forma opressora de transmitir para aquele inato pode trazer uma consequência irrecuperável ao receptor, na poesia principalmente quando se trabalha suas as nuances poética também podem ser a cura da opressão.

A formação das educadoras e educadores é o centro dessa proposta, pois não há escolas no campo sem a formação dos sujeitos sociais do próprio campo, que assumam e lutem por esta identidade e por um projeto de futuro (CALDART, 2001, p. 66).

A Cultura e Raízes: Subsídio para a Literatura

Nesse contexto a educação é ainda muito discutida por querer manter as raízes ruralistas, que envolvem direitos humanos, estudos culturais e movimentos políticos, os quais também se inserem como parte integrante do ambiente do campo.

No que tange a educação, propriamente dita, a poesia foi o meio usado para sensibilizar o aluno com relação à linguagem oral e escrita, sendo a questão principal aprofundar o conhecimento e o local do aluno, e que o seu desenvolvimento seja pleno, não perdendo sua cultura e suas raízes.

À primeira vista, a expressão “Poema” não causa problemas de interpretação. Usada no singular, mas geralmente compreendida no plural, ela designa uma forma literária que confronta duas ou mais literaturas.

No entanto começamos a tomar contato com poemas por meio da literatura infantil, percebe-se essa denominação por variadas metodologias a ser aplicadas em sala de aula e que, pela diversificação do objeto de análise que concedem aos poemas um vasto campo no ensino.

O trabalho teve como objetivo o privilégio de falar de poesias e por meio dessa construção levar o aluno a compreensão textual e a colocá-las de forma pictográfica com isso desenvolver um estilo próprio poético, os textos passam a ser epidêmicos por cada estilo criado pelos autores, a memória de cada um passa a ser personagem intenso, uma forma

prazerosa de ensinar a construção de textos poéticos e memórias culturais o criador passa ser a criatura escrita daquele local, o educando conta de forma agradável o seu momento, tempo e memória pesquisada pelos antepassados de seus familiares, transcorreu, a partir de reflexão acerca do processo de desenvolvimento da aprendizagem do aluno que se origina com o uso da linguagem oral e escrita roda de causos, contos e encantos. Buscando dar uma resposta à essa problemática, realizaram-se atividades que por meio de poemas, buscavam propiciar interação entre o ambiente da sala de aula e o meio em que os alunos vivem, que é o campo.

Na sala de aula enfatizou-se a importância da leitura, para isso, destaca-se a memória, o valor do local na produção de texto, como meio de desenvolver a proposta do projeto educacional do aluno e sua formação social e valores. Para a condução desse elemento lúdico, partimos primeiramente de como dividir as etapas do processo de ensino e aprendizagem poética, do criar imagens das poesias elaborando telas com sentidos poéticos imagéticos que refletissem os textos da pantaneira rural com visual e cheiro da terra, inseriu-se o aluno nesse meio poesia, por meio do canto a Seriema de Mato Grosso e os Ipês do Cerrado, desse modo os alunos foram estimulados para desenvolverem as atividades propostas, pinturas e desenhos, sua imagem, seu jeito, seu interior e sua cultura..

Identidade e Poesia

Não se pode viver de despreparo, sem planejamento, bem como apresentar de forma desagradável um trabalho que requer antes de tudo amor. Isso tornaria uma letalidade poética e literária, a base desse contágio da escrita e depois em forma de leitura emana do professor, este por sua vez tem que estar com a alma transparente e imaculada, talvez um cientista da palavra poesia.

As atividades foram desenvolvidas em uma roda de leitura, que começou pela visita à biblioteca, sendo a escolha feita pelo próprio aluno o que iria ler a partir de sua preferência. Essa atividade tinha como finalidade não só possibilitar a leitura dos livros pelos alunos, como oportunizar esse contato também a família, pois, desse modo, todos teriam acesso aos livros o que possibilitava ampliar o raio de ação educacional do projeto.

Usou-se também a maleta viajante (uma espécie de biblioteca circulante) a qual permitia que o aluno tivesse a oportunidade de levar para sua casa nos finais de semana e feriados, os livros para ler, e esses eram registrados no diário de bordo, inicia-se o processo

antropofágico poético uma mastigação de tudo que ouvem e leem saboreiam com cheiro de poesia.

Para a fixação do aprendizado desenvolveram-se também atividades orais e escritas na sala de aula, as quais estimulavam os alunos não só a continuar com a leitura, como a se envolverem com o enredo, transportando a realidade do poeta para a sua com discussões sobre os textos e descrições de sua própria realidade comparadas às histórias da pantaneira no cerrado.

O diário de bordo passa por rituais de subdesenvolvido para desenvolvido como uma cultura que era doente, contaminada pelo desconhecimento da poesia, surge brotando da terra com linhas e parágrafos históricos descrevendo o passado como presente o céu como algodão doce, e sorrisos como músicas cantarolados numa linguagem de entendimentos que a muito tempo escravizado e depois alforriados, propensas a versos, rimas, estrofes e extensas um tanto metódicas outras momentos satíricas, mas poesias que regadas do cheiro da terra, com gritos de araras e gracejos das rolinhas e o encanto dos tucanos no pé de coqueiro, o enxame das abelhas, não sabiam se liam ou riam, do medo e do segredo, assim decorria as aulas embaixo das mangueiras e abelhas.

Em sala de aula o silêncio tomava conta, pois, a ansiedade de escrever mais e contar muito sobre o meio em que vive depois fazer as leituras de roda, descobrindo em cada um suas particularidades e aventuras.

Os risos a cada aula ministrada mostravam o quanto estava fácil falar do ruralismo de seu modo simples enxergando o mundo com olhos de Deus, a ingenuidade, simplicidade e as brincadeiras poéticas engraçadas e também exageradas, faz com que o menino do cerrado também passe a ser poeta do cerrado.

Flora e Fauna do Cerrado: Possibilidades de Leitura E Escrita

“Poemas do Cerrado” teve origem em relação à paisagem local, e foi inserida no contexto por meio de poemas e de pinturas livres em tela, em que se caracteriza o ambiente no campo e seus traços. A ideia de representar seu modo de vida e o lugar onde moram vêm de encontro aos recursos que esses alunos buscam na escola local, em horários alternados, o educando passa a viver seu momento lúdico na biblioteca pesquisando e fazendo leituras aleatórias, intertextualizando sua realidade com a que foi descrita sobre infância e sua

identificação com o poeta regional e nacional, enfim somos apenas três inspirando todos os alunos, não basta ter poesia pantaneira tem que ter o cerrado na alma.

As leituras foram realizadas embaixo das mangueiras e coqueirais no pátio da escola, onde se ouvia o canto dos pássaros entre poemas e declamações, a essência do poeta mergulhada nos cantos e assovios de sabiás, araras e tucanos crescia cada vez mais o despertar poético, o quebrar castanhas das araras ilustravam cada estrofe, e as gargalhadas se repetiam a cada poema construído.

Foi o tecer das poesias que serviam de inspiração para as pinturas em tela imbuídas por poemas e paisagens locais, de onde vieram o destacar das cores das árvores ipês símbolo da nossa região pantaneira.

Com as atividades poéticas foram feitos diversos textos em sala de aula. As leituras estavam direcionada a professora e a interpretação ao educando, foram feitas diversas vezes a leitura do mesmo verso e também é muito importante a expressão corporal, assim como os bonecos do poeta, “invento para me conhecer” a partir desse inventar o educando inicia uma interpretação textual, o verbo inventar aparece no presente do indicativo e isso é trabalhar os versos na gramática.

Uma das atividades propostas foram as pinturas em telas os ipês pantaneiros, realizadas pelos próprios alunos.

O pequeno poema “A onça”, foi escrito de forma que a subjetividade fosse adentrando no imaginário dos alunos e em suas interpretações. Fizessem com que eles entendessem a música, bem como a intenção poética.

Nesse contexto, explicou-se o valor que há em rimas dentro do poema, um conjunto agradável de sons a uniformidade dos sons no termino das palavras.

As aulas ficavam agradáveis a cada semana, as leituras partiam de cada pequeno poeta que terminava os textos, em alguns momentos disputavam no par e impar para que todos ouvissem seus textos, parafraseavam textos em forma de canções.

A partir dessa atividade foram desenvolvidas com os alunos as paráfrases de todas as modalidades, também a estrutura poética na escrita, de como organizar o poema e suas rimas ou suas objetividades obscuras.

Considerações Finais

Considerando que os costumes e a cultura local são fatores que desenvolvemos a partir do momento em que o ser humano nasce, a poesia é uma forma de fazer com o aluno aperfeiçoe a leitura e a escrita, resgatando a cultura do meio onde vive. Assim, pelo estudo da poesia e da motivação do poeta transmitimos aos alunos conceitos complexos como o de identidade cultural de forma lúdica ao mesmo tempo em que os interessamos na descoberta do uso da língua e da leitura como forma de expressão.

Com isso, os poemas também contribuíram para a escrita, melhorando a caligrafia e, as leituras, a dicção e a interpretação de texto.

As pinturas em tela, por outro lado, desenvolvem a aptidão artística e a percepção do espaço de vivência, trazendo a consciência do aluno a noção de existir. Esse momento também trouxe uma interação entre todos, troca de informações sobre o sentido de cada paisagem pintada, o seu significado e as lembranças de seus familiares e amigos.

A intenção dessas atividades também foi apresentar de forma simplificada, de acordo com a realidade do aluno do campo, o conteúdo programático, com isso, o criar, o parafrasear e o musicalizar não se apresenta como uma apropriação do outro, mas sim, como meio de descortinar um futuro. Um futuro que cada aluno pode construir a partir de seus sonhos, desejos e esperanças.

Esse projeto, proporcionou não só ter encontrado um meio eficaz de trazer a consciência do aluno para importância do saber se comunicar, como uma forma inclusiva de trabalhar conteúdos nem sempre atrativos para eles, pois, permitem que falem livremente e sem medo de censura, pois a licença poética, admite seu linguajar diário como forma expressão libertando os das amarras de um formalismo inibidor.

Porém, está claro também que mais experiências devem ser feitas no sentido de validar e aprimorar esta metodologia, a fim de que se possa concluir com segurança que ela é válida em todas as circunstâncias, podendo inclusive ser estendida sua aplicação para escolas urbanas.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

Barros, Manoel, **Menino do Mato**: caderno de aprendiz: editora Leya, 2010, Poesia brasileira.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/ CEB 1/2002. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo** (Diário Oficial da União. Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1. p. 32).

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Anexos : Poemas e Telas

ANEXO 1 POEMAS

PANTANEIRA

Prof^ª: Nilza

Campo Grande linda morena tão serena,
Com seus ipês parece um jardim,
Campo Grande tem ouro tem gado tem soja
E o céu mais estrelado, beleza enfim
Campo Grande esta cheio de glória gravado na história
Deste meu Brasil

Não esqueço cidade bonita que é um cartão de visita
Tem uma beleza que não tem fim,
Tem paineira, tem ipês amores que vê, que faz nos olhos crescer,
Da morena que adormece as margens do lago encantado, pantaneira
Tu és altíssima a mais brasileira que abre fronteiras,

Campo Grande pantaneira, cidade que enfeitiça feiticeira.
O índio, o bugre na mistura brasileira, sonhos de quem chega
Do povo que brilha nas estrelas, pantaneira, pantaneira
Majestosa altaneira, cidade brasileira em meus sonhos tu és a primeira .

O LUGAR ONDE VIVO

Aluno: 1

Existe um lugar neste mundão de Deus, onde o nascer do sol é mais intenso,
O verde é mais verde e os pássaros voam livres, nos enchendo de alegria
Com seu belo canto e voo rasante.

Existe um lugar neste mundão de Deus, onde as pessoas ainda se amam de
Verdade e não se perderam totalmente, no mundinho da tecnologia, onde não
Há descarte de pessoas.

Existe um lugar neste mundão de Deus, onde crianças ainda, não deixaram
De ser crianças mantendo sua mente fértil e feliz. Onde as pessoas muito
Humildes conseguem na labuta do dia a dia retirar da terra seu alimento.
Onde pessoas sentem prazer em olhar umas para as outras e dizer um simples
Bom dia ou boa tarde. Onde a máquina ainda não substituiu o homem.
Este lugar tão simples, mas cheio de amor, pode não ser perfeito, mas, com
Grande emoção e satisfação lhes digo
'Este lugar nada mais é do que... O lugar onde vivo.

MINHA FAZENDINHA

Aluno : 2

Na minha fazendinha, tem borboleta tem vaquinha,
Tem touro, tem gato não posso esquecer-me dos ratos,
Das árvores também o pequi, o jatobá, da fruta do ingá
Na minha fazenda tem céu azul, as estrelas são as flores
Do algodão que formam as estrelas que caem no chão.

MORO NUM LUGAR

Aluno: 3

Quando tenho em mente,
Brincadeiras na bica d'água

Que passa na varanda, do
Cheiro do fogão do gosto do doce
De mamão, da comida e do
Cheiro de sabão, do gosto,
Da laranja, do pão à tardinha
Fresquinho, do canto do sabiá
Em cima di ingá.

ANEXO: 2

Figura 1: Pintura - Ipês do cerrado”



Fonte: Profª. Ana Paula Oliveira, Ano, agosto 2016.

Figura 2: Ipês amarelo e branco do cerrado”



Fonte: Profª. Ana Paula Oliveira, Ano, agosto 2016.

Figura 3 : Pintura em tela “Ipês rosa, amarelo, branco e pétalas no chão”



Fonte: Profª. Ana Paula Oliveira, Ano, agosto 2016.

Figura 4 : Pintura - “Ipês rosa, amarelos e o céu azul”



Fonte: Profª. Ana Paula Oliveira, Ano, agosto 2016